

ECO E NARCISO: UMA HISTÓRIA DE CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA

*Fabiola Graciele Abadia Borges
Maria Lúcia Castilho Romera*

Era uma vez...

Um poeta antigo, desses inventores de histórias de amor e aventura, contou o drama de uma jovem ninfa ao descobrir o amor. Eco, como todos os homens e mulheres, Náiades e Oréades, se apaixonaram pelo rapaz mais lindo que pôde existir: Narciso. Dotado de tão estonteante beleza, também coroadado com igual indiferença pelas inúmeras declarações de amor vertidas a ele.

A desmedida de Eco tem seu início numa tarde quando, ao caminhar pelo campo, encontra Narciso perdido dos amigos enquanto caçava. Tomada de desejo, Eco, que por castigo da vingativa Juno não conseguia iniciar uma conversa, podia apenas responder às últimas palavras ouvidas. Com tal jeito peculiar de falar, devolvia a Narciso as palavras por ele pronunciadas ao procurar por alguém naquele campo.

Qual foi seu martírio diante da recusa do belo rapaz quando Eco saiu por detrás das árvores de braços abertos para lançar-se aos de seu amado. Narciso preferia a morte ao amor da ninfa. Rejeitada e envergonhada, Eco se retirou para cavernas solitárias onde permaneceu escondida, sem dormir, sem comer. À medida que crescia seu sofrimento, seu corpo desfalecia e secava. Seus ossos se tornaram pedra até restar apenas sua voz. “Ela se escondeu nas florestas / E ninguém mais a viu andando pelas montanhas, / Mas todos conseguiam ouvi-la, porque sua voz ainda vive” (OVÍDIO, 2003, p. 63).

O destino do belo rapaz todos conhecem. Não se sabe ao certo se foram as ninfas indignadas com o trágico fim de Eco, ou, se foi um rapaz também rejeitado por Narciso em suas súplicas de amor que reclamou a Nêmesis que Narciso provasse algum dia do fel dado a beber a tantos: “Possa Narciso / Amar um dia, de modo que ele próprio não consiga ganhar / A criatura que ama!” (OVÍDIO, 2003, p. 63). A deusa da vingança

resolveu por justa a petição e assim foi: certo dia, ao se deparar com sua própria imagem num lago de límpidas águas, Narciso se apaixonou perdidamente por sua imagem. Ao descobrir-se amante e amado de si mesmo, caiu em desgraça. Esmaecido desaparece, surgindo em seu lugar uma flor branca de miolo amarelo.

Eco(s) e Narciso

Muitos séculos após a criação dessa narrativa por Ovídio ela permanece ainda atraindo ouvidos e fantasias. Aqui, também as nossas, que intrigados com tal (des)encontro amoroso e, sobretudo, com a figura de Eco, construímos ou mesmo a inventamos e confabulamos com alguns autores novos entrelaçamentos de sentidos.

Para tanto, buscamos ancoragem nos fundamentamos no método de investigação da Psicanálise que é a interpretação. Esta busca o conhecimento por meio da suspensão da redução consensual dos sentidos, possibilitando que outros que estão à margem possam advir e serem apreendidos (HERRMANN, 1999). Logo, nossa pretensão é experimentar a tessitura de sentidos outros sobre o mito aqui apresentado, nos questionando se esta estranha história de amor expressa algo da constituição da identidade.

Narciso já é mais conhecido e seu drama explorado em diversas áreas, desde as Artes até a Psicologia e Psicanálise. Mas, Eco, esta que vai se definindo até ser apenas e tão somente uma voz em repetição, uma voz oca, ficou à sombra. Parece, entretanto, que se não fosse Eco, Narciso não conseguiria tamanha expressividade da condição humana que originou até mesmo importantes teorias psicanalíticas sobre o homem, como a de Freud (1914/1969) ao concluir, com base em seus estudos, a existência de um narcisismo primário a todos os humanos (FREUD, 1914/1969).

De grande importância para fundamentar a Psicanálise, enquanto ciência e prática, a teoria de Freud, bem como as inúmeras explorações sobre a história de

Narciso, parecem demonstrar o grande fascínio evocado pela figura deste se comparado à quase desconhecida Eco.

É inegável como a figura que Narciso representa se entrelaça a vida do homem contemporâneo. Talvez mais do que nunca, esta seja uma época de narcisos, sem muitos ecos... Contudo, cabe considerar também que uma sociedade sem apelo à Narciso, em seus limites, poderia expressar a falência de estruturas protetoras de si mesma. Do narcisismo ao “ecoísmo”?

Desse modo se apresenta a questão: por que Eco, apesar de sua trágica história, permanece uma quase desconhecida, sendo sua figura seja central na tragédia do próprio Narciso?

O amor em Eco

Vem dos vales a voz. Do poço.
Dos penhascos. Vem funda e fria
Amolecida e terna, anêmonas que vi:
Corfu. No mar Egeu. Em Creta.
Vem revestida às vezes de aspereza
Vem com brilhos de dor e madrepérola
Mas ressoa cruel e abjeta
Se me proponho ouvir. Vem do Nada.
Dos vínculos desfeitos. Vem do Nada.
Dos vínculos desfeitos. Vem dos ressentimentos.
E sibilante e lisa
Se faz paixão, serpente, e nos habita.
(HILST, p. 19, 2004)

Fica evidente que Eco procura pelo amor. Ainda que tentando fugir para os mais recônditos esconderijos, após a recusa de Narciso, “Mesmo assim, o amor atrelou-se a ela / E só fez crescer seu sofrimento” (OVÍDIO, 2003, p. 62). Sua voz, vinda das cavernas solitárias, ecoava um amor-paixão, *pathos*, sofrimento de saber-se irremedialmente incompleta, sem um outro capaz de preencher e calar a dor do desamparo, que às vezes “ressoa cruel e abjeta”.

A voz de Eco, como antecipa o poema, veio mesmo “Dos vínculos desfeitos”... Sua história é atrelada a outra história de amor: a de Juno e Júpiter. Foi por castigo de Juno que Eco passou a repetir apenas o fim das frases ditas. Em certa ocasião, Juno procurava por Júpiter que estava com alguma ninfa nas montanhas, Eco parou a deusa através da fala. Irrada ao perceber o que acontecia, Juno decretou: “A língua que tentou me enganar encurtará, / Terá pouco uso, a voz será um resumo, daqui em diante” (OVÍDIO, 2003, p. 62).

Esta foi a condenação, cuja semelhança de enredos nos remete até a repetição do mito do pecado original – Eva foi tentada pela serpente e provou o fruto proibido. Ela traiu o pacto de conviência nirvânica e introduziu a contradição, o atrito, a diferença.

Eco, num certo sentido, alia-se a Júpiter e sobrepõe-se a Juno tentando impedi-la de descobrir a traição do marido, apontando para a tentativa de manter a ilusão de uma relação objetal imaculada, a ilusão de fidelidade da complementação. É a voz que “Vem do Nada”, como anuncia o poema, voz que clama... insiste... voz do desejo.

Contudo, depois da traição e do castigo de Juno, Eco fica condenada a repetir e, embora seu único traço vivente se sustente na linguagem, pela palavra, após a grande decepção de amor, esta se torna infértil, palavra-pedra que não comunica, apenas repete. Restando então, somente o som vazio de repetições, sem criação, somente ecos.

A ninfa e seus ecos

O que podemos confabular ainda sobre a bela ninfa que morre seca de paixão? Que vira pedra, pó, *humus*? *Humus*, mesma raiz etimológica de homem. Eco parece aproximar os homens de sua humanidade, da “verdade psicológica” (HERRMANN, 1999), segundo a qual não há distinção definitiva e absoluta entre o eu e o mundo.

Todavia, tal interpenetração eu/outro, não em raros momentos pode ser sentida como uma ameaça de aniquilamento, sobretudo, para o eu adulto que se agarra à ilusão

de independência, de não ser o outro (HERRMANN, 1999). Ilusão necessária para a constituição do sujeito e para afastar a loucura, entendida aqui como a fusão com o outro, resultado de uma busca ilusória de completude.

É nessa ferida - quase narcísica?- que Eco coloca seu dedo de ninfa rejeitada. Ela não teria vida/voz própria... (mas quem tem?). É como se ela arrastasse os homens para um lugar de indiferenciação em mergulho pela queda, no amálgama. Apontando para a noção de que nada é absoluto e fixo na constituição da identidade, sobretudo, quando se enfrenta situações nas quais há um “aquecimento das relações – paixão amorosa, terror, vertigem, luta, fenômenos de massa, etc” (HERRMANN, 1999, p. 170). Em tais ocasiões, salta a evidência de que muito do que se chama confiadamente de eu, pode ser facilmente liquefeito no do outro que nos assalta.

Na constituição identitária, no decorrer de seu processo, supõe-se que o sujeito garanta um sentido de imanência, isto é, além de saber-se diferente do outro, também sabe-se o mesmo, a despeito dos vários disfarces que utiliza na vida cotidiana. Transitar nesses polos não é tarefa fácil, pois “Perder-se no outro, para recuperar-se acrescentado, exige uma boa dose de certeza intuitiva de ser-se. Onde é extremamente frouxo o sentido de imanência, a perda afigura-se definitiva e aniquiladora.” (HERRMANN, 2001, p. 249). Como vimos em Eco, vítima de uma vingança, não é dada outra saída a não ser ancorar-se em Narciso enquanto recurso de sobrevivência e insistir em saídas possíveis de ruptura com a imagem. Esta que jamais pode ser tocada, mas apenas vista ou vislumbrada.

O narcisismo, bem como a figura que Eco representa, apontam para uma dificuldade em transitar pelas representações possíveis de si e do mundo. Rigidez esta que produz adoecimento e com frequência dificuldade de conectar-se intimamente consigo ou com o outro. Através de Eco, sobretudo, fica escancarado que também se é o

que não deseja ser: secura, resumos de aspectos dolorosos dos quais se quer fugir por serem estranhamente familiares. Secura sem a linguagem que constitui o sujeito.

Ressonâncias finais

O mito de Eco e Narciso possibilita uma infinidade de versões de sentidos. As versões que surgiram aqui, em torno da relação eu e outro e sob diferentes perspectivas, se deram pela sustentação no método psicanalítico como já mencionamos no início.

A Psicanálise se constitui como uma particular forma de ciência que produz conhecimento sobre o sujeito e seu mundo, por conter em si, seu dispositivo fundante: a arte da interpretação. Interpretação que faz ver sob diferentes perspectivas aquilo que tomamos como objeto de análise. Esta capacidade de constante re-visão é um dos aspectos que aproxima a Psicanálise da Literatura e faz possível reinventar aqui a história de Eco e Narciso que pode contar tanto de nossas relações e do nosso próprio processo de construção da identidade.

Eco e Narciso, uma história de amor. Eco, nosso estranho-inquietante, elo de tensão daquilo que denominamos de interno e externo, eu e outro. Não somos todos um pouco condição em Eco a partir de uma falta? Incômodos que nos impulsionaram à elaboração de novos sentidos e à vontade de provocar outros, a partir das confabulações apresentadas aqui...

BIBLIOGRAFIA

FREUD, S. Sobre o narcisismo uma introdução (1914) In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

_____. Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos (1923) In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

_____. Sexualidade feminina (1931) In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 22. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

HERRMANN, F. A paixão do disfarce In: **A psique e o eu**. São Paulo: Hepsyché, 1999.

_____. **O que é psicanálise: para iniciantes ou não**. São Paulo: Editora Psique, 1999.

_____. Narcisismo In: **Andaimos do Real: O método da Psicanálise**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

HILST, H. **Do desejo**. São Paulo: Editora Globo, 2004.

OVÍDIO. **As Metamorfoses**. São Paulo: Madras Editora, 2003.

SOBRE AS AUTORAS

Fabíola Graciele Abadia Borges: Psicóloga graduada pela Universidade Federal de Uberlândia e mestranda do Programa de Pós-Graduação - Mestrado em Psicologia Aplicada pela mesma Universidade. Bolsista pela Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG. Atua na área clínica e Psicologia Social.

Maria Lúcia Castilho Romera: Psicóloga, Psicanalista, Membro Associado da SBPSP, Membro do Centro de Estudos da Teoria dos Campos-CETEC, Professora Associada do Instituto de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Aplicada da Universidade Federal de Uberlândia, Doutora em Psicologia Escolar pelo Instituto de Psicologia da USP e Pós-Doutorada pelo Centro de Estudos da Teoria dos Campos-CETEC PUC-SP.